

Maristela: doutorado
em belas artes e
vivências no sertão



Foi a residência no Instituto Sacatar, em 2007, que inquietou a artista visual Maristela Ribeiro, 54, até o seu atual projeto. Na época de *Territórios Invisíveis*, ela organizou uma oficina narrativa com os moradores de Itaparica e ali decidiu que espaço e gente seriam as suas referências mais caras. Ficou na memória de Maristela a fala da moça que varria a rua, tinha uma casa simples, mas queria arrumá-la, como a si mesma.

A artista deixou a ilha e foi buscar perto de Feira de Santana, cidade onde nasceu, o caminho para as suas investigações. Seis meses entre vilarejos, distritos e cidades espremidas por fazendas, na região do semiárido baiano, a levaram até Morrinhos, comunidade com menos de 400 moradores, onde 90 famílias vivem em uma terra que não lhes pertence. Onde não há cinema, teatro ou

Um olhar **POSSÍVEL**

Com intervenções fotográficas na cidade de Morrinhos, Maristela Ribeiro propõe reflexão sobre a invisibilidade do sertão baiano

Texto **CARLA BITTENCOURT** carlapb@gmail.com
Foto **FERNANDO VIVAS** vivasf@gmail.com

«O mais importante foi ver na comunidade uma ampliação da consciência»

Maristela Ribeiro, artista visual

museu. O lugar escolhido para trabalhar a ideia de que a casa é a extensão das pessoas.

Isso Maristela mostrou cobrindo a fachada de dez casas com fotografias feitas em cenários diversos da região. Deixou ao passante a impressão de que a construção some, ainda que momentaneamente: na porta que vira caminho de chão batido, na janela que se mistura ao verde da plantação ou na placa de trânsito deslocada da estrada. "Quis alterar a percepção das pessoas", provoca, explicando que o plano era, primeiro, fazer as casas desaparecerem e lembrar a invisibilidade do lugar para, em seguida, fazer com que elas reaparecessem em outro contexto, com um repertório visual já conhecido, o caminho de todos os dias. "O patrimônio afetivo deles", como gosta de se referir.

COLETIVO

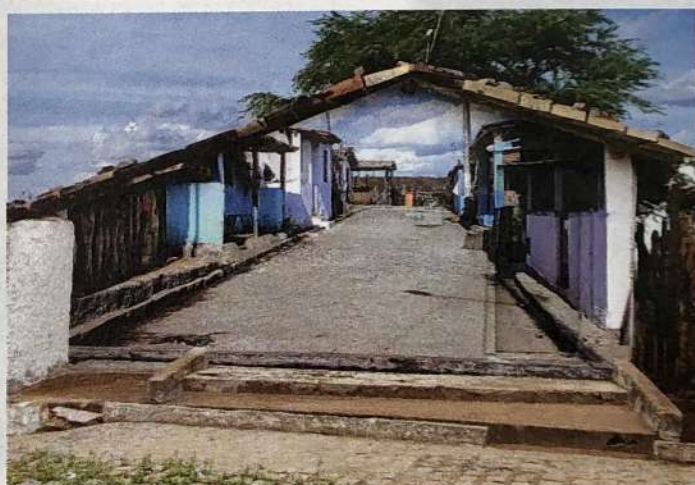
O projeto, aprovado pelo Programa Nacional de Cultura do Banco do Nordeste e pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, foi apresentado em maio deste ano na exposição *Casas do sertão a céu aberto sob um ponto de vista*, em Morrinhos. Mas a história começa em 2013, quando Maristela fez os primeiros contatos com a comunidade. Depois de descobrir que não havia entre os moradores sequer uma imagem impressa — as histórias trocadas eram só desenhos ou lembranças —, organizou uma oficina de fotografia em parceria com Edson Machado e George Lima. A produção foi apresentada lá mesmo, em Morrinhos, com um curta-metragem de Johny Guimarães e Volney Menezes.

A fase mais recente de *Casas do Sertão* são as fotos que modificam as fachadas, o que Maristela observa ter significado especial, ainda que efêmero e sem alteração no interior das casas (a maioria permanece sem o básico, muitas sem água e luz). "Mas houve uma enorme aceitação, o que me surpreendeu. A autoestima dessas pessoas mudou", acredita Maristela, que segue pesquisando o tema no doutorado na Ufba. Para a crítica e curadora Lígia Motta, é a integração entre a artista e a cidade o aspecto mais relevante. "Ela vivencia o resultado de sua pesquisa".

MARISTELA RIBEIRO



A casa de "Samba" vira extensão da rua



A casa de dona Dinalva se transformou na paisagem rural